



UC/FPCE_2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Estudos de validação de duas escalas de avaliação da
Desejabilidade Social – DESCA e EDS-20 – numa
amostra da população geral**

Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde (área de
subespecialização: Psicologia Forense) sob a orientação da Professora
Doutora Isabel Marques Alberto e Doutor Pedro Armelim Almiro

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCAs e EDS-20 – numa amostra da população geral

Resumo: Um dos meios da avaliação psicológica para recolher dados é através das medidas de auto-relato. Porém, a resposta a estas medidas pode estar enviesada considerando a tendência de alguns indivíduos para projetar uma imagem de si próprios que pressupõem ser mais adequada para atingir determinado objetivo. Esta tendência para a apresentação de uma imagem exageradamente positiva de si próprio designa-se de desejabilidade social. Este constructo é caracterizado como unidimensional por uns autores e multidimensional por outros. Da revisão da literatura verifica-se que existem várias escalas de avaliação da desejabilidade social que avaliam aspetos diferentes.

A presente investigação tem como objetivo contribuir para a validação de duas escalas de avaliação da desejabilidade social, a EDS-20 e a DESCAs, numa amostra da população geral, através da análise da consistência interna, da estabilidade temporal, da validade de constructo (análise fatorial exploratória), validade convergente e validade divergente. A amostra integra 208 participantes com idades compreendidas entre 19 e 59 anos que responderam, presencialmente ou via *online*, a um protocolo que incluía a EDS-20, a DESCAs, o EPQ-R e um questionário de dados sociodemográficos.

Os resultados obtidos indicam qualidades psicométricas razoáveis, ao nível dos estudos da consistência interna (EDS-20: $\alpha = .786$; DESCAs: $\alpha = .774$) e da estabilidade temporal (EDS-20: $r = .760$; DESCAs: $r = .728$). Relativamente à validade convergente verificou-se a existência de uma correlação fraca entre as duas escalas em estudo. Na validade de constructo, da análise fatorial, reteve-se um fator para a EDS-20 que explica 34.940% da variância total (sendo por isso unifatorial) e foram extraídos dois fatores para a DESCAs - *busca de aprovação social* e *gestão da imagem* - que explicam 33.548% da variância total.

Palavras-chave: Desejabilidade Social, Avaliação Psicológica, Estudo de validação, EDS-20; DESCAs

Validation studies of two scales of assessment of Social Desirability – DESCAs, EDS-20 – in a sample of general population

Abstract

One of the psychological evaluation ways for collecting data is through self-report measures. However, the answer to these measures may be biased, considering the tendency of some individuals to project an image of themselves that presuppose to be more appropriate to achieve a certain goal. This trend for presenting an overly positive picture of ourselves is called social desirability. This construct is characterized as one-dimensional by some authors and multidimensional by others. From literature it seems that there are several scales for assessing the social desirability that evaluate different aspects.

This research aims to contribute to the validation of two scales of assessment of social desirability, EDS-20 and DESCAs, in a sample of general population, by analyzing the internal consistency, temporal stability, construct validity (exploratory factorial analysis), convergent validity and discriminant validity. The sample includes 208 participants aged between 19 and 59 who responded, in person or via online, to a protocol that included the EDS-20, DESCAs, the EPQ-R and a questionnaire on sociodemographic data.

The results showed reasonable psychometric properties at the level of studies of internal consistency (EDS-20: $\alpha = .786$; DESCAs: $\alpha = .774$) and temporal stability (EDS-20: $r = .760$; DESCAs: $r = .728$). Regarding convergent validity, it was verified the existence of a weak correlation between the two scales under consideration. In construct validity, factor analysis, it was retained a factor for EDS-20 which explains 34.940% of the total variance (being so one-factor) and were extracted two factors for DESCAs - search for social approval and image management - that explain 33.548% of the total variance.

Keywords: Social Desirability, Psychological Assessment, Validation Study, EDS-20, DESCAs

Agradecimentos

À minha família, sobretudo aos meus pais e irmãos pelo apoio constante e incentivo, não me deixando desistir.

À Professora Doutora Isabel Alberto por ser incansável, por nos prestar todo o apoio e ajuda e por todos os conhecimentos transmitidos.

Ao Doutor Pedro Almiro, por se mostrar sempre disponível, por toda a ajuda concedida, orientação, e pelas inúmeras revisões atentas deste trabalho.

Ao Mauro por me aturar e incentivar freneticamente.

Aos meus amigos que tiveram sempre uma palavra de apoio, ao grupo de meninas que me fez sentir em casa (“Giras”) e em especial à Juliana e Carolina, duas pessoas tão especiais que levo comigo para a vida.

Por último, e não menos importante, às “minhas” gémeas, Ana e Joana, que sempre me apoiaram, ouviram e estiveram e (estão) presentes, em todos os momentos.

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento concetual (revisão da literatura).....	1
1.1. Caracterização do conceito de desejabilidade social.....	1
1.2. Tipos de desejabilidade social.....	3
1.3. Avaliação da desejabilidade social.....	5
II – Objetivos.....	7
III – Metodologia.....	7
3.1 Amostra.....	7
3.2 Instrumentos.....	9
3.2.1 Questionário sociodemográfico.....	9
3.2.2 Escala de Desejabilidade de 20 itens (EDS-20).....	9
3.2.3 Escala de Desejabilidade Social (DESCA).....	10
3.2.4 Questionário de Personalidade de Eysenck (EPQ-R).....	11
3.3 Procedimentos.....	11
IV – Apresentação dos Resultados.....	11
4.1 Estudos de Precisão.....	11
4.2 Estudos de Validade.....	13
4.3 Análise Exploratória da ordem de administração e do método de administração (online vs. papel).....	17
V- Discussão dos Resultados.....	18
VI – Conclusões.....	21
Bibliografia.....	22
Anexos.....	28

Lista de Anexos

Anexo A – Carta introdutória de informação aos participantes.....	29
Anexo B – Questionário Sociodemográfico.....	30
Anexo C – Características psicométricas da EDS-20.....	31
Anexo D – Características psicométricas da DESCA.....	33
Anexo E – Características psicométricas dos fatores da DESCA.....	35
Anexo F – Análise dos Resultados das Correlações (r de Pearson) para a Validade Convergente e Divergente.....	36
Anexo G – Análise Exploratória da ordem de administração das escalas e do método de administração.....	37

Lista de Tabelas

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra.....	8
Tabela 2. Características psicométricas da EDS-20.....	12
Tabela 3. Características psicométricas da DESCA.....	13
Tabela 4. Características psicométricas do fator 1 da DESCA...	16
Tabela 5. Características psicométricas do fator 2 da DESCA...	16

Introdução

Na psicologia, a avaliação psicológica recorre regularmente a questionários de auto-relato (Schmitt & Steyer, 1993). Todavia, para que a interpretação dos dados obtidos através de instrumentos psicológicos do auto-relato possa ser feita de forma válida e clinicamente útil, depende da honestidade e precisão das respostas dadas aos itens. Quando os indivíduos respondem às questões dos testes de uma forma desonesta, comprometem ou podem mesmo invalidar a interpretação dos seus resultados (McGee et al, 2015). É neste contexto que surge o conceito de desejabilidade social (DS) que define a tendência para criar uma imagem positiva, manifestada especialmente quando os indivíduos estão altamente motivados para atingir um objetivo (Fox & Schwartz, 2002).

Considerando a importância de se poder avaliar a influência da desejabilidade social em contexto de avaliação psicológica, o presente estudo pretende contribuir para esta área analisando as qualidades psicométricas de duas escalas portuguesas que avaliam a DS (DESCA E EDS-20) numa mesma amostra da população portuguesa.

I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)

1.1. Caracterização do conceito de desejabilidade social

Grande parte da investigação e da avaliação psicológica assenta em resultados obtidos através de questionários de auto-resposta (Baumeister, Vohs, & Funder, 2007; Peterson & Kerin, 1981). Solicitar-se aos indivíduos que forneçam informação ou opiniões sobre eles próprios é uma das formas mais comuns de avaliar dimensões psicológicas (Moshagen, Hilbig, Erdfelder, & Moritz, 2014). No entanto, a utilização deste tipo de medidas tem suscitado muitas críticas por serem subjetivas e estarem sujeitas à influência de um conjunto de fatores que pode contribuir para a diminuição da confiança e validade da informação obtida. Assim, a medição das dimensões em causa pode ser comprometida (Backstrom & Bjorklund, 2013; Ganster, Hennessey, & Luthans, 1983).

Gordon (1951) define a DS como a motivação que a maioria dos indivíduos tem para escolher as alternativas de resposta socialmente aceitáveis “ignorando” aquelas que na realidade se aplicam a si próprios. Crowne e Marlowe (1960) descrevem esta forma de enviesamento de resposta como a necessidade da pessoa de obter aprovação apresentando uma imagem de si aceitável e culturalmente apropriada.

Em 1975, Wiggins (como citado em Peebles & Moore, 1998) descreveu esta forma de enviesamento como o tipo de resposta fornecida em questionários com a intenção de garantir uma auto-apresentação exageradamente desejável. A partir destas definições, autores como McCrae e Costa (1983) e Furnham (1986) descreveram a DS como a tendência para a distorção das respostas aos instrumentos de auto-relato no sentido de fornecer uma imagem de si próprio favorável. Por sua vez, Nederhof (1985) caracteriza a DS como sendo a tendência dos indivíduos para negar traços

socialmente indesejáveis e reivindicar os que são considerados adequados, de forma a obterem vantagens ou ganhos. A DS é também considerada como a propensão de um indivíduo para se apresentar, em situações de avaliação, de acordo com as normas e padrões culturalmente vigentes (Ganster, Hennessey, & Luthans, 1983). Já King e Bruner (2000) definem-na como a orientação dos indivíduos para responder a instrumentos de avaliação de uma forma que os apresente em termos socialmente aceitáveis, de modo a obter a aprovação dos outros. Richman, Weisband, Kiesler e Drasgow (1999) descreveram a DS como a propensão dos indivíduos para responderem a questões, sob certas condições de administração dos testes, numa direção socialmente mais desejável do que responderiam em outros contextos e em outras formas de avaliação. Fornecer respostas desonestas, especialmente a questões centradas em tópicos sensíveis para os quais existem normas e valores partilhados por todos com fortes expectativas de conformidade, é então uma expressão da DS (Comşa & Postelnicu, 2013). Krysan (1998) sugeriu que a tendência para responder de forma socialmente desejável será maior entre indivíduos com escolaridade elevada visto terem mais consciência do que é mais apropriado.

De acordo com Ones, Reiss, e Viswesvaran (1996) são vários os fatores subjacentes à distorção de respostas, tais como a desonestidade, a reclamação de virtudes pouco comuns, a negação de falhas comuns e atitudes impopulares, o exagero de competências pessoais, o autoaperfeiçoamento e o *faking* (falsificação). Furnham (1986) distingue os diversos conceitos utilizados nesta área como sinónimos, designadamente *faking* (falsificar), mentira e dissimulação, e *response bias* (enviesamento de resposta). *Faking* (falsificação), mentira e dissimulação constituem um conjunto de conceitos que se referem ao facto de o indivíduo estar a ocultar a verdade, fingindo ser algo diferente (Furnham, 1986). O *faking* (falsificação) remete especificamente para as situações em que a pessoa fornece deliberadamente respostas falsas com a finalidade de gerar uma imagem específica e, tal como a dissimulação, envolve respostas desonestas. A DS tem que ver com a apresentação do *self* numa perspetiva positiva (o *faking good*¹), que se trata de um tipo de *faking* (falsificação) (Furnham, 1986). Por outro lado, o *response bias* (enviesamento de resposta) é específico das entrevistas, inquéritos ou questionários. Este conceito inclui os constructos de DS ou *faking good* (dissimulação positiva) que estão integrados nos *response sets*² (conjuntos de respostas) (Furnham, 1986; Paulhus, 2002).

¹ A tendência para uma autoapresentação exageradamente desejável foi designada por Peebles e Moore (1998) de *faking good* ou dissimulação positiva. Segundo Podsakoff, MacKenzie, Lee, e Podsakoff (2003), o *faking good* (dissimulação positiva) representa a tendência de alguns indivíduos para apresentarem uma perspetiva favorável de si próprios, independentemente das suas opiniões acerca de um tópico ou assunto.

² Enviesamentos de resposta de curta duração atribuíveis a alguma distração temporária ou motivação; pelo contrário, *response styles* (estilos de resposta) são enviesamentos consistentes através do tempo e que se mantêm nas respostas a diferentes questionários.

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral

Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

Kuncel e Tellegen (2009) descrevem a DS como uma tendência consistente de resposta tendo por referência o que é considerado desejado por parte das pessoas que são importantes na vida do indivíduo, podendo variar consoante a situação (trabalho, escola, casamento). Alguns destes comportamentos podem tornar-se intrínsecos e habituais no dia-a-dia das pessoas enquanto outros resultam de uma ação consciente, intencional, manipulativa e enganadora (Zerbe & Paulhus, 1987). Wiggins (1968) identifica duas possibilidades muito diferentes de DS, que são muitas vezes confundidas: a) pode ser considerada como uma propriedade de itens ou escalas, ou b) como uma variável de diferença individual (Carrasco, Vigil-Colet, & Ferrando, 2013; Furnham, 1986; Nederhof, 1985).

Muitas propostas têm sido avançadas para tentar minimizar a influência da DS nas respostas aos diversos instrumentos. Backstrom e Bjorklund (2013) realizaram um estudo cujos resultados apontam no sentido de que os itens indicadores de popularidade introduzem um fator de DS nas escalas. A relação clara entre a popularidade de um item e a DS fortalece as suposições dos autores que postulam que quem constrói os instrumentos tendo em conta a interferência da DS deve focar-se nos itens indicadores de popularidade do sujeito. No entanto, vários autores (Lönngqvist, Paunonen, Tuulio-Henriksson, Lönngqvist, & Verkasalo, 2007; McCrae e Costa, 1983) defendem que algumas escalas de desejabilidade social constituem mais uma medida de traços substantivos do que de enviesamento de resposta.

1.2. Tipos de Desejabilidade Social

Crowne e Marlowe (1960), no desenvolvimento da sua escala, concluíram que a necessidade de obter aprovação social era responsável pelas pontuações elevadas na Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; Simões, Almiro, & Sousa, 2010). Assim, estes autores apenas consideraram um fator de enviesamento das respostas (Rossiter, 2009).

Todavia, Wiggins (1964) realizou uma análise fatorial com todas as medidas de DS existentes e identificou duas formas distintas de DS: *Alpha* e *Gamma*. O *Alpha* relaciona-se com a autoavaliação favorável ou desfavorável, e o *Gamma* traduz a mentira (Holden & Passey, 2009). Damarian e Messick (1965, como citado em Paulhus & John, 1998) defendem que o fator *Alpha* representa um viés avaliativo inconsciente nos auto-relatos, enquanto o fator *Gamma* indica uma falsificação deliberada, caracterizando estes fatores como *autistic bias in self-regard* (enviesamento autístico) e *propagandistic bias* (enviesamento propagandístico), respetivamente. O *autistic bias in self-regard* (enviesamento autístico) envolve a distorção que o indivíduo faz da sua própria imagem como defesa e de modo a ser consistente com o viés avaliativo geral, enquanto o *propagandistic bias* (enviesamento propagandístico) indica a tendência ingénua para promover uma reputação pública desejável (Paulhus, 2002).

Paulhus (2002), num trabalho de clarificação do conceito, começa por

estabelecer a distinção entre enviesamento de resposta (*response bias*) que traduz uma propensão sistemática para responder a questionários com base em algo que interfere com a precisão do auto-relato, e a resposta considerada socialmente desejável (*socially desirable responding*) que corresponde a uma tendência para fornecer auto-relatos excessivamente positivos. Paulhus (2002) assinala os trabalhos de Sackeim e Gur, em 1979, como a aproximação mais racional no desenvolvimento da avaliação da DS, distinguindo os constructos de auto-engano (*self-deception*, indivíduos que relatam autorrepresentações positivas e irrealistas sobre si que parecem estar convencidos que possuem) e engano do outro (*other-deception*, indivíduos que distorcem conscientemente e deliberadamente as suas autodescrições para enganar uma audiência). Com base nestes trabalhos, Paulhus (2002) destacou dois fatores: o autoengano (*self-deception*; o viés de resposta positivo em que o indivíduo de facto acredita que é verdade); e a gestão da imagem (*impression management*, dissimulação consciente das respostas dadas em situação de avaliação para gerar uma impressão favorável numa audiência chave) (Paulhus, 1986), acabando por abandonar a terminologia *other-deception* (Paulhus, 2002).

No seguimento da pesquisa de Paulhus (1986), Leary e Kowalski (1990) definiram gestão da imagem (*impression management*) como o processo pelo qual os indivíduos tentam controlar as impressões que deixam nos outros, acrescentando que este conceito também pode ser designado de autoapresentação (*self-presentation*). No entanto, Schlenker (1980) define gestão da imagem (*impression management*) como a tentativa de controlo das imagens que são projetadas nas interações sociais reais ou imaginadas, enquanto a autoapresentação (*self-presentation*) diz respeito às imagens projetadas que são relevantes para o *self*.

De acordo com Leary e Kowalski (1990), a *gestão da imagem* é composta por dois processos distintos: motivação para a imagem (*impression motivation*) e construção da imagem (*impression construction*). O processo de motivação para transmitir uma determinada imagem está associado ao desejo de criar impressões específicas na mente dos outros, mas pode ou não manifestar-se em ações evidentes e relevantes para a imagem (inclui a relevância das impressões, o valor dos objetivos desejados e a divergência entre a imagem atual e a desejada). A *construção da imagem* está relacionada com o primeiro processo, uma vez que o indivíduo motivado para criar certas impressões pode alterar o seu comportamento de modo a afetar as impressões que transmite sobre si aos outros (inclui o autoconceito, a imagem da identidade desejada e não desejada, as restrições do papel desempenhado, os valores do objetivo e a imagem social atual e potencial) (Leary & Kowalski, 1990). Posteriormente, Merman e Shultz (1998) defendem que a gestão da imagem enquanto componente da DS é mais semelhante ao *faking good* do que ao auto-engano.

A discussão teórica em torno do conceito de DS reflete-se na investigação desenvolvida sobre a avaliação do constructo, particularmente ao nível dos instrumentos de avaliação psicológica.

1.3. Avaliação da Desejabilidade Social

A DS pode ser medida diretamente através de escalas de auto-relato ou indiretamente através de respostas a questões sobre tópicos sensíveis que remetem para aspetos da vida privada, para a admissão por parte do indivíduo de envolvimento em comportamentos e/ou atitudes ilegais ou contra as normas³, certas características⁴ e na identificação de uma sobrevalorização das respostas sobre ações que são socialmente corretas⁵ (Comşa & Postelnicu, 2013; Dodou & Winter, 2014; Moshagen et al. 2010).

Um grande número de escalas foi desenvolvido para avaliar a DS na avaliação psicológica, usando itens em que a resposta desejável é relativamente pouco frequente numa amostra normativa. Idealmente, uma boa escala de validade de resposta não terá relação com as características medidas nos restantes instrumentos. Quando as pontuações num tipo de medida de validade de resposta estão correlacionadas com o traço que a escala mede, deixa de ser claro se houve uma distorção no auto-relato ou se o sujeito estava a ser honesto mas teve uma elevação no traço na direção da correlação (Christiansen, Rozek, & Burns, 2010). Pontuações elevadas nas escalas de avaliação da DS podem indicar *gestão da imagem* ou podem refletir efetivamente a autoimagem que a pessoa tem de si; ou seja, a DS pode representar a transmissão, intencional ou não, de uma imagem mais positiva do que o comportamento real do sujeito (Christiansen, Rozek, & Burns, 2010).

No que respeita às escalas de avaliação da DS, considera-se que se os indivíduos respondessem em total anonimato, não teriam motivo para evitar de forma intencional os auto-relatos honestos (Comşa & Postelnicu, 2013), mas tal não se verifica no contexto de avaliação psicológica, daí a necessidade de estudar e desenvolver estes instrumentos.

Em 1957, Edwards construiu uma escala de avaliação da DS, a *Edwards Social Desirability Scale* (ESDS, 39 itens) que analisa respostas socialmente desejáveis, pretendendo avaliar a tendência dos participantes em mostrar uma imagem que é considerada adequada pela sociedade, quando se autodescrevem (Edwards & Walsh, 1963). No entanto, uma das mais conhecidas escalas de DS foi desenvolvida por Crowne e Marlowe, em 1960, com o intuito de avaliar a tendência dos indivíduos para procurar aprovação social. Pessoas com elevada necessidade de aprovação podem ter falta de confiança e/ou de competências sociais necessárias para se destacarem de forma positiva nas situações interpessoais (Christiansen, Rozek, & Burns, 2010; Crowne & Marlowe, 1960). A Escala de DS de Marlowe-Crowne (MCSDS, Social Desirability Scale Marlowe-Crowne; Crowne & Marlowe, 1960; versão portuguesa, Almiro, Simões, & Sousa,

³ Situações como a violação da lei, consumo de substâncias, consumo de álcool, comportamentos sexuais de risco.

⁴ Relativas à saúde do sujeito, como doenças mentais ou físicas.

⁵ Aspetos como exercer o direito de voto, ter estabilidade financeira, prática de atividade física.

2012) inclui afirmações que têm como propósito explorar a necessidade dos indivíduos de aprovação social através da resposta aos itens que retratam uma perspectiva favorável de si próprios.

Posteriormente aos trabalhos de Crowne e Marlowe (1960) surgiu o *Balanced Inventory of Desirable Responding* (BIDR; Paulhus & John, 1998), que contém medidas separadas, nomeadamente: a) a *impression management*, que traduz a tendência para fornecer auto-relatos enviesados de forma positiva; e b) a *self-deceptive enhancement*, que corresponde à promoção do auto-engano, enquanto medida destinada a explorar um enviesamento favorável e inconsciente em auto descrições (Paulhus, 1991). Este inventário apoia-se nos questionários de autoengano de Sackeim e Gur, constituído por 40 itens a que os indivíduos têm que responder de acordo com o seu grau de concordância numa escala de sete pontos, sendo que a cotação foi feita de maneira a que apenas as pontuações elevadas sejam indicadoras de exagero nas respostas desejáveis (Paulhus, 1991). De acordo com Vries, Zettler, e Hilbig (2014), este instrumento será, provavelmente, o mais utilizado atualmente na avaliação da DS.

São vários os instrumentos de auto-relato que incluem a avaliação do enviesamento da resposta no sentido da DS, sendo o MMPI – *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (Hathaway & McKinley, 1943) e o *Eysenck Personality Inventory* (Eysenck & Eysenck, 1964) dois exemplos (Paulhus, 1986). O MMPI e o MMPI-2 integram as escalas de validade L e a K. A escala L foi concebida para identificar tentativas deliberadas para mentir, no sentido de fornecer uma distorção positiva das características e consiste em 15 itens que se referem a negar agressões, maus pensamentos, fraco carácter, fraco autocontrolo, preconceito ou desonestidade (Furnham, 1986; Maranhão, 1973; Mesquita, 2012; Paulhus 1986). Contudo, como várias investigações demonstraram que esta escala não era sensível a alguns tipos de distorção, foi incluída a escala K, considerada mais discreta mas mais sensível para detetar as tentativas do sujeito para negar ou exagerar psicopatologia (constituída por 30 itens que cobrem áreas como a hostilidade, preocupação e fraca autoconfiança) (Furnham, 1986; Paulhus, 1986).

O *Eysenck Personality Inventory* (EPI; versão portuguesa, Vaz Serra, Ponciano & Freitas, 1980) foi desenvolvido por Hans Eysenck e Sybil Eysenck, em 1964, com o objetivo de medir duas dimensões da personalidade, a Extroversão e o Neuroticismo. A este instrumento foi acrescentada uma escala de avaliação da tendência para responder de forma socialmente desejável (escala L, composta por 9 questões; Vaz Serra, Ponciano, & Freitas, 1980). Em 1975, Hans Eysenck e Sybil Eysenck desenvolveram uma nova versão, o EPQ - *Eysenck Personality Questionnaire* (Questionário de Personalidade de Eysenck, versão portuguesa: Castro Fonseca, S. Eysenck & A. Simões, 1991) na qual incluíram uma escala de Psicoticismo (Almiro, 2013). Como esta nova escala apresentava alguns problemas do ponto de vista psicométrico, Hans Eysenck, Sybil Eysenck e Barret, em 1985, apresentaram uma versão revista

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral

Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

do EPQ – Eysenck Personality Questionnaire Revised (Questionário de Personalidade de Eysenck – Revisto, versão portuguesa: Almiro & Simões, 2013) que evidenciou melhorias nas qualidades psicométricas e que constitui a versão mais atualizada do instrumento (Almiro, 2013). O EPQ-R mantém a escala de validade de respostas.

II - Objetivos

A literatura tem apontado a Escala de DS de Marlowe-Crowne como um dos instrumentos mais utilizados na avaliação da DS (e.g. Beretvas, Meyers, & Leite, 2002; Nederhof, 1985; Zerbe & Paulhus, 1987). Esta escala assenta na conceção de DS como necessidade de aprovação (Marlowe & Crowne, 1960), contrariamente a outros autores (Leary & Kowalski, 1990; Paulhus, 1992, 2002) que referem várias dimensões para este constructo. Deste modo, tornou-se pertinente a construção e validação de novas escalas que possam ser usadas como alternativa à acima enunciada, especialmente para a avaliação psicológica no contexto forense.

Na Universidade de Coimbra construíram-se, de forma independente, duas escalas de DS, a Escala de Desejabilidade Social de Coimbra (DESCA; Alberto, Oliveira, & Fonseca, 2012) e a Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20; Almiro, Almeida, Ferraz, Ferreira, Perdiz, Dias, Gonçalves, Sousa, & Simões, 2016). Visto que estas escalas nunca foram analisadas a partir da mesma amostra, revelou-se fundamental o desenvolvimento do presente trabalho como mais um contributo para os estudos de validação de ambas.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar as propriedades psicométricas da DESCA e da EDS-20 examinadas com o recurso a uma amostra da população geral.

Como objetivos específicos, a presente investigação propõe-se:

- a) Analisar a consistência interna e a estabilidade temporal de cada uma das duas escalas;
- b) Avaliar a validade de constructo de cada uma das escalas, através da análise fatorial exploratória;
- c) Avaliar a validade convergente (com a escala L do EPQ-R) e a validade divergente (com as restantes dimensões do EPQ-R, Neuroticismo, Extroversão e Psicoticismo);

III - Metodologia

3.1 Amostra

A amostra que compõe este estudo foi recolhida através do método de amostragem não aleatória, por conveniência, na população geral (maiores de 18 anos). A amostra é constituída por 208 participantes residentes em território nacional, cuja idade varia entre os 19 anos e os 59 anos, sendo a idade média de 34.990 ($DP = 11.315$). A distribuição dos participantes por faixa etária foi organizada em intervalos etários, destacando-se a faixa mais nova (18-25 anos), com o maior número de participantes ($n = 65$; 31.3%).

A maior percentagem dos participantes é do sexo feminino ($n = 149$; 71.6%), sendo 28.4 % ($n = 59$) do sexo masculino (ver Tabela 1). O número de solteiros ($n = 95$; 45.7%) é igual ao número de casados ($n = 95$; 45.7%), seguindo-se depois os divorciados ($n = 14$; 6.7%), os viúvos ($n = 3$; 1.4%) e, por último, um participante recasado. Relativamente aos anos de escolaridade, observa-se que a formação superior é a mais frequente ($n = 85$; 40.9%), seguida da escolaridade secundária ($n = 81$; 38.9%), contrastando com o número de participantes que apenas realizaram a instrução primária ($n = 3$; 1.4%). No que concerne à ocupação profissional, de acordo com a classificação nacional das profissões INE (2011), os profissionais das vertentes científicas e intelectuais são os que estão em maior número ($n = 55$; 26.4%), seguidos dos estudantes ($n = 41$; 19.7%) (ver Tabela 1).

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra

	<i>n (%)</i>	<i>M (DP)</i>
<i>n total</i>	208 (100%)	
Sexo		
Feminino	149 (71.6%)	
Masculino	59 (28.4%)	
Idade		
18-25	65 (31.3%)	34.99 (11.315)
26-35	46 (22.0%)	
36-45	46 (21.9%)	
46-59	51 (24.4%)	
Estado Civil		
Solteiro	95 (45.7%)	
Casado	95 (45.7%)	
Divorciado	14 (6.7%)	
Viúvo	3 (1.4%)	
Recasado	1 (0.5%)	
Escolaridade		
1º ciclo	3 (1.4%)	
2º ciclo	5 (2.4%)	
3º ciclo	17 (8.2%)	
Secundário	81 (38.9%)	
Bacharelato/licenciatura	85 (40.9%)	
Mestrado	17 (8.2%)	
Residência		
Rural	63 (30.3%)	

Medianamente urbana	57 (27.4%)
Urbana	88 (42.3%)
Ocupação profissional	
Militar	2 (1.0%)
Representantes do poder legislativo e de órgãos	6 (2.9%)
Científicos e intelectuais	55 (26.4%)
Técnicos e profissões de nível intermédio	26 (12.5%)
Pessoal administrativo	15 (7.2%)
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e vendedores	35 (16.8%)
Trabalhadores qualificados da indústria	10 (4.8%)
Operadores de instalações e máquinas	1 (0.5%)
Trabalhadores não qualificados	10 (4.8%)
Desempregados	5 (2.4%)
Reformados	1 (0.5%)
Estudantes	41 (19.7%)
Domésticas	1 (0.5%)

3.2 Instrumentos

O protocolo utilizado neste estudo incluiu um questionário de dados sociodemográficos e três instrumentos de avaliação: a Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20; Almiro, Almeida, Ferraz, Ferreira, Perdiz, Dias, Gonçalves, Sousa, & Simões, 2016), a Escala de Desejabilidade Social de Coimbra (DESCA; Alberto, Oliveira, & Fonseca, 2012), e o Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; Eysenck, Eysenck & Barrett, 1985; versão portuguesa, Almiro & Simões, 2014).

3.2.1 Questionário de dados sociodemográficos

Este questionário tem como objetivo recolher informação sobre a idade, o género, a profissão, o nível de escolaridade, o estado civil, a existência de filhos, o local e o meio de residência dos participantes, para caracterização da amostra.

3.2.2 Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20; Almiro, Almeida, Ferraz, Ferreira, Perdiz, Dias, Gonçalves, Sousa, & Simões, 2016)

A Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20) foi construída

por Simões, Almiro e Sousa em 2016, com o objetivo de avaliar a DS, resultando da revisão da Escala de Desejabilidade Social de Coimbra (EDSC), dos mesmos autores, que era composta por 22 itens. A construção da EDS-20 baseou-se em dois instrumentos muito utilizados no âmbito da avaliação psicológica nomeadamente: a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (MCSDS; versão preliminar portuguesa para uso exclusivo em contexto de investigação, Almiro, Simões, & Sousa, 2012), e a escala L (Mentira/Desejabilidade Social) do Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; versão portuguesa, Almiro, & Simões, 2014). Na investigação realizada, registou-se um coeficiente *alfa* de Cronbach de .82. A sua versão definitiva é constituída por 20 itens de resposta dicotómica (sim/não), e avalia comportamentos e atitudes considerados socialmente desejáveis, mas com pouca probabilidade de ocorrência. O item é cotado com 1 ponto se a resposta for no sentido da DS (0 se for no sentido contrário), existindo itens que são cotados de forma inversa. Trata-se de uma escala unidimensional (Almiro et al, 2016).

3.2.3 Escala de Desejabilidade Social de Coimbra (DESCA; Alberto, Oliveira, & Fonseca, 2012)

Em 2012, com o objetivo de avaliar a DS, especificamente devido à carência de instrumentos para o efeito no contexto forense, e pelo facto da MCSDS não mostrar qualidades psicométricas adequadas a este contexto, Alberto, Oliveira e Fonseca construíram a Escala de Desejabilidade Social de Coimbra (DESCA), constituída por 21 itens de resposta através de uma escala *Likert*, de 1 a 4 (na qual 1 corresponde a “Discordo completamente” e 4 corresponde a “Concordo completamente”). Alguns itens têm cotação invertida.

O estudo original de validação deste instrumento baseou-se numa amostra de 229 participantes (na sua grande maioria do sexo feminino, $n = 142$), e mostrou que a escala possui qualidades psicométricas razoáveis no âmbito dos estudos de precisão ($\alpha = .760$, e $r = .750$ para a estabilidade temporal) (Oliveira, 2013). Foi obtida uma estrutura fatorial de três fatores: *busca de aprovação social* (BAS), *gestão de imagem social* (GIS) e *dependência relacional* (DR). O primeiro consiste numa forma consciente e voluntária de enganar os outros com o objetivo de mostrar uma autoimagem favorável (traduzido no fator *gestão da imagem social*). O segundo baseia-se na necessidade do indivíduo construir um autoconceito positivo, e que por isso desenvolverá formas de conceber uma autoimagem benéfica que esteja de acordo com aquilo que é desejável, tratando-se de uma projeção involuntária (que ocorre nos fatores *busca de aprovação social* e *dependência relacional*). No que concerne à validade convergente, os dados da DESCa foram correlacionados com os dados da MCSDS e com a Escala L do EPQ-R. Tanto na correlação entre a DESCa e a MCSDS, como na correlação entre a DESCa e a Escala L os coeficientes obtidos foram fracos ($r = -.115$; $r = .078$, respetivamente), indicando que medem dimensões diferentes de DS.

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCa, EDS-20 – numa amostra da população geral
Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

3.2.4 Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R; Eysenck, Eysenck, & Barrett, 1985; Almiro & Simões, 2013)

O Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista foi construído por Hans Eysenck, Sybil Eysenck e Paul Barret, em 1985, no sentido de superar as limitações identificadas na escala Psicoticismo do instrumento que anteriormente haviam desenvolvido. O EPQ-R avalia as três dimensões fundamentais da personalidade, Psicoticismo (P), Extroversão (E) e Neuroticismo (N), para além de incluir uma escala de DS, a escala L (Almiro, 2013). Da aferição e validação do EPQ-R para a população portuguesa resultou uma versão de 70 itens distribuídos da seguinte forma: Neuroticismo com 23 itens, Extroversão com 20 itens, escala L com 18 itens e Psicoticismo com 9 itens. A resposta aos itens é do tipo dicotómica (Sim ou Não), sendo que o indivíduo ao responder de acordo com a sua “maneira habitual de ser, pensar e sentir” pontua 1 ponto se a sua resposta for no sentido da dimensão avaliada, ou 0 pontos se for no sentido contrário (existem itens cotados de modo inverso).

A validação original deste instrumento, realizada junto da população inglesa, continha uma amostra de 902 sujeitos (n feminino = 494; n masculino = 408) que resultou na determinação de quatro fatores (P, E, N e L), com coeficientes de consistência interna que variaram entre o valor mínimo de $\alpha = .706$ na escala P e o valor máximo de $\alpha = .900$ na escala E, ambos nos homens (Almiro, 2013). O EPQ-R e as suas qualidades foram estudadas e analisadas em vários países e, no geral, demonstraram boas propriedades psicométricas relativamente à precisão e à estrutura fatorial. Na versão portuguesa, desenvolvida a partir de uma amostra constituída por 1689 sujeitos (906 mulheres e 783 homens), foram obtidos quatro fatores originais, com indicadores de consistência interna de $\alpha = .870$ para N, $\alpha = .830$ para E, $\alpha = .550$ para P e $\alpha = .780$ para L (Almiro, 2013).

3.3 Procedimentos

A recolha de dados foi feita de duas formas: presencialmente e *online*, sendo que em ambas foram dadas as devidas explicações e obtido o consentimento informado dos participantes. A participação era voluntária, tendo sido assegurada a confidencialidade e o anonimato. A recolha *online* baseou-se num formulário da plataforma *Google Forms* que continha o protocolo de avaliação.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com recurso à ferramenta de *software* para o efeito, *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 22.0.

IV – Apresentação dos Resultados

4.1 Estudos de Precisão

Os estudos de precisão, para ambas as escalas (EDS-20 e DESCA),

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral

Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

foram realizados para a análise da consistência interna, através do coeficiente *alfa* de *Cronbach*, e da estabilidade temporal, através do cálculo do coeficiente de correlação entre os valores da primeira e da segunda administração das escalas (teste-reteste), com um intervalo de 4 semanas. Analisaram-se, ainda, as estatísticas descritivas de ambos os instrumentos.

Relativamente à EDS-20, o coeficiente *alfa* de *Cronbach* obtido ($\alpha = .786$; $N = 205$; Tabela 2) constitui um valor “respeitável” (DeVellis, 2003). Contudo, ficou abaixo do coeficiente alcançado no estudo de Almiro et al. (2016) ($\alpha = .820$), que estabelecia uma “muito boa” consistência interna para a escala (DeVellis, 2003). Analisando a correlação existente entre cada item e a escala total (Tabela 1, Anexo E), observa-se que todos os itens obtêm coeficientes acima do .200 e, portanto, adequadas (Nunnally, 1978). Assim, pode-se considerar que a grande maioria dos itens da EDS-20 avaliam o mesmo constructo.

Tabela 2. Características psicométricas da EDS-20 (N=205)

<i>Alfa</i> de Cronbach	Média	Desvio-padrão
.786	9.13	4.008

Analisando as estatísticas descritivas relacionadas com os itens da EDS-20 (Tabela 1, Anexo E), é possível verificar que os valores médios se situaram entre 0.110 ($DP = 0.316$; item 11) e 0.880 ($DP = 0.322$; item 18). Os itens que apresentam mais tendência para responder de acordo com o que é socialmente expectável foram o item 18, o item 17 ($M = 0.800$; $DP = 0.405$), o item 5 ($M = 0.740$; $DP = 0.442$), o item 2 ($M = 0.670$; $DP = 0.472$), e o item 16 ($M = 0.660$; $DP = 0.475$).

Relativamente à média total obtida para a EDS-20, constata-se que os participantes não mostraram tendência para projetar uma imagem exageradamente favorável de si próprios ($M = 9.130$; $DP = 4.008$; pontuação varia entre 0 e 20, pontuação mínima e máxima possível, respetivamente).

A estabilidade temporal ($n = 74$; Tabela 2, Anexo E) revelou uma correlação muito forte (Marôco, 2014) e estatisticamente significativa, ($r = .760$; $p < .001$) traduzindo um resultado satisfatório por se encontrar acima do valor (.700) que Kline (1986; 1998) considera adequado existir entre aplicações para situações de teste-reteste.

Relativamente à DESCA, obteve-se um coeficiente *alfa* de *Cronbach* de .774 ($N = 205$; Tabela 3), que segundo DeVellis (2003), corresponde a uma consistência interna “respeitável”. Este valor, comparativamente ao seu estudo original (cf. Oliveira, 2013), é superior ao que havia sido alcançado ($\alpha = .757$). Todavia é importante referir que o coeficiente anteriormente apresentado tem que ver com um conjunto de apenas 15 itens, que resultaram de uma análise de depuração dos mesmos, visto o *alfa* de *Cronbach* inicial (para os 21 itens) ser de apenas .677, constituindo um valor qualificado por DeVellis (2003) como o “mínimo aceitável”.

Tabela 3. Características psicométricas da DESCA (N=205)

Alfa de Cronbach	Média	Desvio-padrão
.774	50.65	6.32

Da análise dos itens, registam-se valores de correlação do item com a escala total inferiores a .200 nos itens 13, 16, 18 e 19, considerados “inaceitáveis” de acordo com Nunnally (1978). Analisando as estatísticas descritivas dos itens da escala (Tabela 1, Anexo F) verifica-se que as médias variam entre 1.702 (item 11; $DP = 0.630$) e 3.444 (item 13; $DP = 0.563$). Os itens que registaram maior tendência para responder de acordo com o que é socialmente expectável foram o item 13 ($M = 3.444$; $DP = 0.563$), o item 18 ($M = 3.239$; $DP = 0.566$) e o item 12 ($M = 3.034$; $DP = 0.629$). O valor da média para o resultado total do instrumento traduz, em geral, o fornecimento de respostas no sentido da não DS ($M = 50.654$; $DP = 6.315$; pontuação máxima possível = 84, pontuação mínima possível = 21).

O cálculo do coeficiente de correlação para o intervalo entre as duas administrações da DESCA ($n = 73$; Tabela 2, Anexo F), mostrou a existência de um resultado estatisticamente significativo ($r = .728$; $p < .001$), correspondente a uma correlação muito forte (Marôco, 2014), situado acima do valor mínimo que Kline (1986; 1998) considera necessário para a estabilidade temporal (.700). Este resultado foi inferior ao encontrado por Oliveira ($r = .749$) em 2013.

4.2 Estudos de Validade

Para avaliar a **validade de constructo** dos instrumentos procedeu-se à análise fatorial exploratória, com extração dos fatores, através da Análise de Componentes Principais e rotação *varimax*.

Foram utilizados os testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de esfericidade de Bartlett com o objetivo de avaliar a qualidade das correlações existentes entre as variáveis para confirmar se estavam cumpridos os requisitos para a análise fatorial (Pestana & Gageiro, 2005). O KMO varia entre zero e um e avalia se há variância comum suficiente na matriz de dados para justificar uma análise fatorial (Lorenzo-Seva, Timmerman & Kiers, 2011). O teste de esfericidade de Bartlett permite aferir se a matriz das correlações corresponde à matriz identidade (Pestana & Gageiro, 2005).

Considerando a EDS-20, o índice de KMO obtido (.762; Tabela 3, Anexo E) é considerado médio (cf. Marôco, 2014; Pestana & Gageiro, 2005) que por se situar próximo de 1, indica existir uma correlação média entre as variáveis (Pestana & Gageiro, 2005). O teste de esfericidade de Bartlett [$\chi^2(190) = 663.576$], com um nível de significância de $p < .001$, pressupõe verificarem-se correlações significativas entre as variáveis, rejeitando desse modo o pressuposto de que a matriz de dados corresponde à matriz identidade (Damásio, 2012). No seguimento destes resultados a análise fatorial é exequível.

No que respeita a extração de fatores, foram seguidos os critérios de Kaiser-Guttman – retendo os fatores com *eigenvalues* iguais ou superiores a 1.0 – e do *scree test* de Cattell (cf. Nunnally & Bernstein, 1994), para além de se ter tido em consideração as correlações entre fatores. Visto existirem sete fatores com *eigenvalues* superiores a 1.0 procedeu-se a uma análise forçada a três fatores (Tabela 4, Anexo E) após análise das saturações dos itens, da variância explicada por cada fator e da coerência teórica dos itens por fator. O terceiro fator foi rejeitado visto o seu coeficiente de alfa (.589) ser considerado “inaceitável” (DeVellis, 2003). Quanto ao segundo fator, considerando o ponto de inflexão do *scree plot*, e tendo em conta a discrepância no declive que se verifica entre si e o primeiro (o fator 1 tem um valor próprio de 4.090 e o fator 2 tem um valor próprio de 1.611), e que o fator 1 explica 20.45% da variância, o fator 2 não foi retido, configurando uma estrutura unidimensional da EDS-20. Para esta tomada de decisão, contribuiu também, a correlação positiva moderada e significativa (Pestana & Gageiro, 2005) existente entre o primeiro e segundo fator ($r = .474$; $p < .001$), indicando que estes não são completamente independentes.

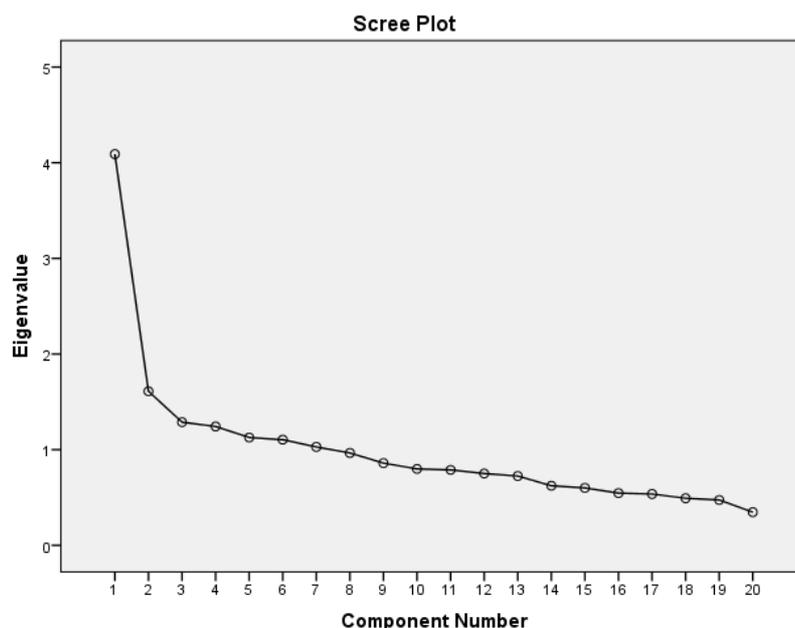


Figura 1. Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória da EDS-20

Relativamente à DESCAs, o índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) obtido (.744) indica a presença de uma correlação “média” entre as variáveis (Marôco, 2014; Pestana & Gageiro, 2005). O coeficiente do teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (210) = 1186.633$), com um nível de significância de $p < .001$ pressupõe que as variáveis estão correlacionadas significativamente (Tabela 3, Anexo F) (Marôco, 2014; Pestana & Gageiro, 2005) rejeitando a hipótese de que a matriz de dados corresponde à matriz identidade (Damásio, 2012). Por conseguinte, é possível proceder a uma análise fatorial desta matriz de dados.

No que concerne a extração de fatores, foram seguidos os critérios de

Kaiser-Guttman e do *scree test* de Cattell (cf. Nunnally & Bernstein, 1994), juntamente com a análise das correlações entre fatores. Por se verificar a presença de sete fatores com *eigenvalues* superiores a 1.0 realizou-se uma análise forçada a três fatores (Tabela 4, Anexo F), de acordo com a estrutura fatorial obtida no estudo original. O terceiro fator foi removido uma vez que o seu coeficiente de consistência interna ($\alpha=.142$) é “inaceitável” (DeVellis, 2003). Tendo em conta o *scree plot* e o seu ponto de inflexão, é possível perceber que pelo declive deste gráfico apenas há a reter dois fatores (fator 1 tem um valor próprio de 4.280; fator 2: 2.765; fator 3: 1.877). Consubstanciando esta opção, surge o valor da correlação entre ambos os fatores retidos que se revelou fraca, apesar de significativa ($r = .226$; $p < .001$) (Pestana & Gageiro, 2005), comprovando consequentemente a independência entre eles. Assim, os fatores extraídos explicam 33.548% da variância.

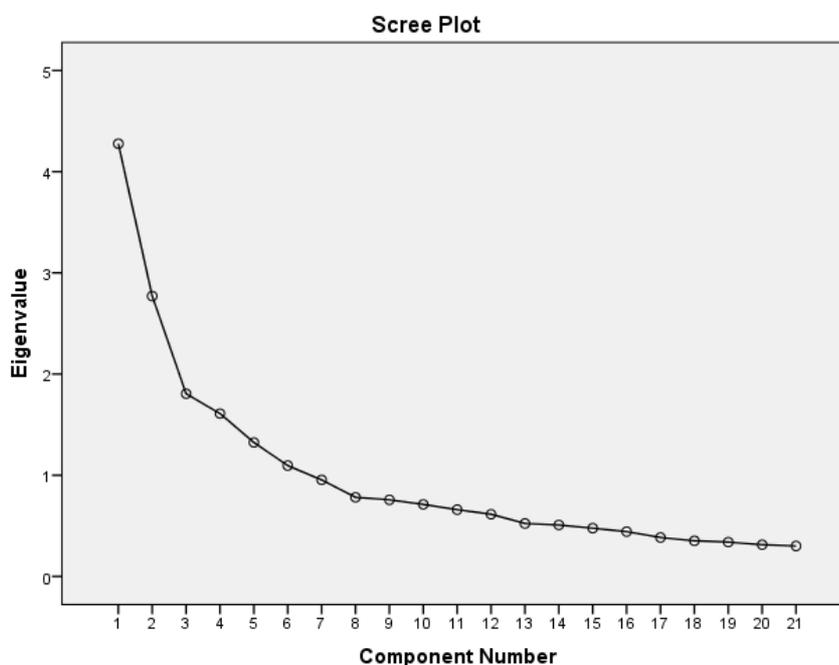


Figura 2. Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória da DESCA

O primeiro fator retido, que explica 20.382% da variância total (Tabela 1, Anexo G), é constituído por 7 itens, cuja média do total é de 16.870 ($DP = 3.398$), sendo que a pontuação máxima pode ser de 21 pontos e a mínima 7. Os itens que constituem este fator caracterizam um sujeito que modela os seus comportamentos socialmente/culturalmente em relação aos outros, procurando aprovação social. Esta dimensão da aprovação social é a que Crowne e Marlowe (1960) associam à deseabilidade social. Este fator foi concetualizado por Oliveira (2013) também para descrever o primeiro fator da sua análise fatorial à DESCA; contudo, apesar de manter a mesma designação, *Busca de Aprovação Social (BAS)*, não integra integralmente os Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Deseabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral
Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

mesmos itens. O coeficiente de consistência interna obtido ($\alpha = .765$) é “respeitável” (DeVellis, 2003) (Tabela 4). No que concerne a correlação item-total (excluindo o próprio item), o item 3 é o que apresenta maior correlação com o total deste fator ($r = .574$); enquanto o item 1 exibe a correlação menor ($r = .386$). Todos os itens registam coeficientes de correlação acima do limiar psicométrico considerado adequado (.200) (Nunnally, 1978). O item 7 foi o que registou menos tendência de resposta de acordo com a DS ($M = 1.950$; $DP = 0.663$), o item 1 foi o que registou um valor médio mais alto ($M = 2.910$; $DP = 0.780$) e consequentemente mais respostas representativas da necessidade em obter aprovação por parte dos outros.

Recorrendo ao cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson* para análise da correlação existente entre este fator e o Total da DESCAs (Tabela 3, Anexo H), observa-se que esta é alta e significativa (Pestana & Gageiro, 2005) ($r = .854$; $p < .001$).

Tabela 4. Características psicométricas do fator 1 da DESCAs

Alfa Cronbach	Média	Desvio-padrão	Pt. mín e máx.	Nº. Itens
.765	16.87	3.398	7-28	7

O segundo fator retido explica 13.166% da variância total (Tabela 2, Anexo E), e apresenta uma consistência interna “respeitável” ($\alpha = .711$) (DeVellis, 2003) (Tabela 5). É composto por 8 itens. O valor médio para esta subescala é de 18.990 ($DP = 3.270$), na qual a pontuação máxima possível é 32 e a mínima 8. Analisando as correlações item-total (excluindo o próprio item), todas se encontram acima do mínimo adequado ($>.200$) (Nunnally, 1978). Constata-se que o item 2 apresenta a menor correlação com o total da subescala ($r = .258$) e o item 9 regista a maior correlação com o total do fator 2 ($r = .624$). O valor médio mais baixo registado neste fator (1.880; $DP = 0.688$) pertence ao item 4, e o maior valor médio (3.019; $DP = 0.644$) concerne ao item 12.

Tabela 5. Características psicométricas do fator 2 da DESCAs

Alfa Cronbach	Média	Desvio-padrão	Pt. mín e máx.	Nº. Itens
.711	18.9904	3.27041	8-32	8

Tendo em conta o fator concetualizado por Oliveira (2013) e analisando-o nesta nova estrutura fatorial da DESCAs, pode-se observar que os itens que constituem esta subescala demonstram a intenção consciente do sujeito em manipular a imagem que projeta de si aos outros, para que seja positiva e favorável. Estas características foram destacadas nos trabalhos de Paulhus (1986, 2002), Leary & Kowalski (1990) e Schlenker (1980). Por isso, este fator mantém a mesma denominação dada por Oliveira (2013), *Gestão da Imagem Social (GIS)*, apesar de integrar diferentes itens.

Analisou-se a correlação existente entre o referido fator e o total da escala, através do cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*, que

traduz uma correlação moderada e significativa (Pestana e Gageiro, 2005) ($r = .619$; $p < .001$).

Para a análise da **validade convergente** das duas escalas (Tabela 1, Anexo H), EDS-20 e DESCAs, recorreu-se à Escala de Mentira (L) do EPQ-R. Os coeficientes de correlação entre a EDS-20 e a DESCAs ($r = .172$; $p = .014$; $N = 202$) e entre a DESCAs e a escala L do EPQ-R ($r = .183$; $p = .009$; $N = 203$) são muito baixos. A associação demonstrou-se alta entre a EDS-20 e a escala L do EPQ-R ($r = .882$; $p = .000$; $N = 204$) e significativa ($p < .001$).

Correlacionando os dois fatores retidos da DESCAs com a escala L do EPQ-R encontra-se uma relação positiva baixa (Pestana & Gageiro, 2005) e significativa entre o fator *gestão da imagem social* e a escala L do EPQ-R ($r = .311$; $p < .001$). Foi encontrada uma relação baixa (Pestana & Gageiro, 2005) e não significativa entre a *gestão da imagem social* e a EDS-20 ($r = .257$; $p < .001$).

A **validade divergente** (Tabela 2, Anexo H) foi avaliada através da correlação dos totais das duas escalas, EDS-20 e DESCAs, com as restantes escalas do EPQ-R, nomeadamente *Neuroticismo* (N), *Extroversão* (E) e *Psicoticismo* (P). Todas as relações encontradas são muito baixas (Pestana & Gageiro, 2005), com exceção de uma, entre a escala N e a DESCAs, tratando-se, de uma correlação baixa para além de significativa (já se tinha verificado no estudo de Oliveira, 2013) ($r = .323$; $p = .000$). Registou-se, também, uma correlação baixa (Pestana & Gageiro, 2005) e significativa existente entre o fator BAS e a subescala Neuroticismo do EPQ-R ($r = .304$; $p < .001$).

4.3 Análise Exploratória da influência ordem de administração e do método de administração (online vs. papel)

Recorreu-se ao teste ANOVA 2-way para analisar se a ordem da administração das escalas (EDS-20 em primeiro lugar e DESCAs em segundo, ou vice-versa) e o processo de recolha (presencialmente, em papel, ou online) influenciaram os resultados nas escalas em estudo. Encontraram-se diferenças significativas entre o resultado total da DESCAs e a ordem de administração das escalas e a forma de recolha (Tabela 2, Anexo I) ($F(1, 201) = 6.657$; $p = .011$; $F(1, 201) = 11.950$; $p = .001$, respetivamente) (concluindo-se que o fator da ordem da administração das escalas e a forma de recolha têm um efeito significativo sobre o total da DESCAs). A dimensão do efeito é “pequeno” ($\eta_p^2 = .032$) para a primeira e “médio” ($\eta_p^2 = .056$) (Marôco, 2014) para a segunda. Existe uma interação significativa entre a ordem de administração e a forma de recolha, o que significa que a conjugação da ordem de administração com a forma de recolha, influencia a resposta à DESCAs (cf. Marôco, 2014).

Considerando como variável dependente os resultados totais obtidos na EDS-20, não se observam diferenças significativas entre o seu resultado em função da ordem de administração das escalas ou da forma de recolha ($F(1, 201) = 3.489$; $p = .063$; $F(1, 201) = .048$; $p = .827$, respetivamente) (concluindo-se que o fator da ordem da administração das escalas e a forma

de recolha não têm um efeito significativo sobre o total da EDS-20) (Tabela 5, Anexo I). A dimensão do efeito é “pequeno” ($\eta_p^2 = .017$) para a ordem de administração e “pequeno” ($\eta_p^2 = .000$) para a forma de recolha (Marôco, 2014).

No que concerne à existência de diferenças entre a forma de recolha, no caso da EDS-20, quando esta é aplicada em primeiro lugar regista-se um ligeiro aumento da média de resposta na forma presencial ($M = 9.596$; $DP = 4.200$; online: $M = 8.496$; $DP = 3.791$) mas não constitui um valor indicativo de respostas extremadas de DS (pontuação máxima = 20) (Tabela 4, Anexo I). Observa-se um aumento na média das respostas, quando aplicada em segundo lugar sobretudo na forma online ($M = 11.000$; $DP = 2.928$; presencial: $M = 10.273$; $DP = 4.368$). A DESCAs obtém valores igualmente pouco extremados (pontuação máxima = 84) quando administrada em segundo lugar, sendo um pouco mais elevados na forma online ($M = 52.171$; $DP = 5.108$; presencial: $M = 51.208$; $DP = 5.019$). Já quando aplicada em primeiro lugar na forma online regista um valor superior ($M = 58.625$; $DP = 10.070$; presencial: $M = 51.094$; $DP = 7.222$) (Tabela 1, Anexo I).

É importante salientar que as diferenças encontradas na DESCAs, sobretudo ao nível da sua administração em primeiro lugar entre a forma de recolha (online vs. presencial), podem dever-se ao acaso, visto que apenas foi administrada via *online* como escala inicial a oito participantes. A grande maioria dos participantes, quer presencialmente, quer virtualmente, respondeu primeiro à EDS-20.

V - Discussão dos Resultados

Atendendo à precisão de cada uma das escalas EDS-20 e DESCAs, verificou-se que apesar de ambas registarem coeficientes de consistência interna “respeitáveis” (DeVellis, 2003), a EDS-20 é a que apresenta um *alfa* de Cronbach mais elevado ($\alpha = .786$; com um $\alpha = .774$ na DESCAs). Segundo DeVellis (2003), uma escala é internamente consistente quando os seus itens estão altamente relacionados entre si, consequência de apresentarem uma forte relação com a variável latente. Uma vez que a EDS-20 é uma escala unifatorial, consequentemente os seus itens avaliam o mesmo constructo, estando fortemente relacionados uns com os outros, e dessa forma a sua consistência interna é mais elevada, o que se verifica. No que concerne à DESCAs, visto que revela um modelo com dois fatores, os seus itens não exprimem uma relação tão forte entre eles em razão de existirem subgrupos que avaliam diferentes dimensões do constructo geral. A EDS-20 avalia a tendência que os sujeitos manifestam em imputar a si mesmos atitudes/comportamentos tidos como socialmente desejáveis e para rejeitar neles próprios a presença de atitudes/comportamentos vistos como socialmente indesejáveis (cf. Almiro et al. 2016); enquanto a DESCAs avalia a tendência do sujeito em modelar os seus comportamentos socialmente/culturalmente em relação aos outros, buscando aprovação social (BAS), e a intenção consciente do sujeito em manipular a imagem que projeta de si aos outros, para que esta seja positiva e favorável (GIS).

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCAs, EDS-20 – numa amostra da população geral

Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

Todavia, os valores de consistência interna de ambas as escalas são próximos.

Quanto ao teste-reteste de cada uma das escalas, ambas apresentam estabilidade temporal satisfatória, uma vez que as correlações são significativas entre as duas aplicações, e por isso mostram que podem ser utilizadas na investigação e na prática profissional para a avaliação da DS (a EDS-20 apresentou novamente um coeficiente de precisão superior ao da DESCA [EDS-20: $r = .760$; DESCA: $r = .728$]). No que se refere às estatísticas descritivas das escalas, em ambos os casos os resultados obtidos vão no sentido de não expressão da DS (segundo as médias para os resultados totais). Tais resultados podem ser explicados por ter sido assegurada a confidencialidade aos participantes e por esse motivo, aqueles não considerarem que as suas respostas seriam julgadas. Tal como Comşa e Postelnicu (2013) sugeriram, pensa-se que se os sujeitos responderem em total anonimato, estes não têm motivo para evitarem, intencionalmente, auto-relatos precisos. Assim, aliado à indicação dada aos participantes de que as suas respostas não seriam analisadas individualmente, mas somente num todo, do ponto de vista estatístico, terá contribuído que não se verificasse a tendência para a DS. Porém, alguns itens apresentaram respostas mais desejáveis, que podem ser consequência de uma dissimulação intencional, de uma tentativa de resposta mais concordante com a forma como o sujeito gostaria de ser, de uma resposta honesta mas fruto de uma autoavaliação incorreta, ou de existir algum conformismo social por parte do indivíduo (cf. Almiro et al. 2016). Eventualmente o motivo que estará subjacente às respostas de DS nestes casos, será a honestidade resultante de uma avaliação do *self* imprecisa. Isto porque os sujeitos honestos têm maior probabilidade de se descreverem em questionários de DS como pessoas que evitam mentiras ou fraude (Vries, Zettler, & Hilbig, 2014) e atendendo ao tipo de conteúdo dos itens que aqui se discutem (EDS-20: item 17; DESCA: item 13) parece ser o caso.

Numa apreciação da estrutura fatorial, e como já discutido anteriormente, constata-se que para a EDS-20, a estrutura obtida é concordante com o que havia sido encontrado no estudo original (cf. Almiro et al., 2016), sendo por isso um instrumento tendencialmente unidimensional. No que respeita a DESCA, os fatores obtidos abordam aspetos diferenciados da DS, no entanto o modelo fatorial obtido não foi o esperado. No estudo original (cf. Oliveira, 2013) extraíram-se três fatores: *busca de aprovação social*, *gestão da imagem social* e *dependência relacional*. Na análise fatorial do presente estudo, os fatores anteriormente concetualizados não foram encontrados, ainda assim calcularam-se os seus coeficientes de consistência interna. O fator *busca de aprovação social* obteve um $\alpha = .640$ (indesejável, DeVellis [2003]), a *gestão da imagem* obteve um $\alpha = .307$ (inaceitável, DeVellis [2003]), e a *dependência relacional* obteve um $\alpha = .404$ (inaceitável, DeVellis [2003]). Na estrutura fatorial obtida no presente estudo, o fator, *busca de aprovação social* apenas retém dois itens do fator original (6, 7), mas analisando cada item é perceptível que todos

remetem para estratégias adotadas para enganar um público-alvo e a designação pareceu adequada. O segundo fator, *gestão da imagem social*, mantém apenas um item do fator original (12), mas tendo em conta cada item que o constitui verifica-se a necessidade inconsciente do sujeito se enaltecer, e por isso a nomeação atribuída por Oliveira (2013) mostrou-se pertinente. Estas diferentes estruturas espelham, mais uma vez, a diversidade de operacionalizações da DS apontadas por Paulhus (2002).

No que concerne a validade convergente, os baixos coeficientes obtidos entre a EDS-20 e a DESCAs e entre esta e a escala L do EPQ-R podem advir da possibilidade de cada escala estar a medir dimensões diferentes da DS (Paulhus, 1986). A escala L do EPQ-R tem na sua constituição questões sobre comportamentos socialmente desejáveis ou indesejáveis formuladas de forma extremada; se o indivíduo assumir (ou negar) o comportamento descrito nos itens, pode ser considerado desonesto com a intenção de parecer mais ajustado (Stöber, 2001). A EDS-20 foi construída a partir da escala L (integra 12 itens desta) do EPQ-R e da MCSDS, daí a correlação existente entre a primeira e a segunda ser tão forte. A DESCAs, para além de integrar várias dimensões teóricas associadas à DS (Paulhus, 1986) contém itens nos quais listam comportamentos frequentes (contrariamente aos outros dois instrumentos aqui analisados), conseqüentemente a sua relação com as demais, repercutirá essas diferenças. Novamente, os resultados descritos (relativamente à baixa correlação entre as escalas L e EDS-20 com a DESCAs) podem ser explicados pelo facto de que as subescalas retidas para a DESCAs avaliam duas formas diferentes de DS e, conseqüentemente, duas posturas diferentes das pessoas. Parece-nos que o primeiro fator (BAS) traduzirá uma necessidade afetiva e que, assim sendo, não traduz manipulação como acontece no segundo fator (GIS), daí a fraca relação entre elas. Contudo e por avaliarem, na mesma, a DS, as suas relações (BAS e GIS) com o total da escala DESCAs indicam que independentemente dos motivos, as subescalas e escala total avaliam o mesmo constructo.

Quanto à validade divergente, todas as relações encontradas são baixas, com exceção de uma, o que refuta alguns autores como McCrae e Costa (1983) e Lönnqvist, Paunonen, Tuulio-Henriksson, Lönnqvist & Verkasalo (2007) que defendiam que as escalas de desejabilidade eram melhor interpretadas como medidas de traços substantivos. A única correlação tida como moderada verificou-se entre a escala N e a DESCAs, tratando-se, igualmente, de uma correlação positiva significativa (já se tinha verificado no estudo de Oliveira, 2013), e que revela que quanto maior a pontuação na escala de desejabilidade, mais elevados são os resultados na escala de neuroticismo. Horney, na sua obra em 1942, abordou a sua teoria da neurose, caracterizando várias necessidades neuróticas, sendo uma delas a necessidade de afeto e aprovação. Visto que a DESCAs (de acordo com os fatores extraídos) tende a avaliar esse aspeto da desejabilidade, os indivíduos com tendência a serem preocupados e emocionalmente instáveis (Scheier, Carver, & Bridges, 1994) projetarão mais comportamentos que os façam

parecer mais favoráveis (para satisfizer essa necessidade).

Sobre a influência da ordem da administração das escalas e o processo de recolha (presencial vs online), é importante salientar que as diferenças encontradas na DESCAs, sobretudo ao nível da sua administração em primeiro lugar entre a forma de recolha (online vs. presencial), podem dever-se ao acaso, visto que apenas foi administrada via *online* como escala inicial a oito participantes. A grande maioria dos sujeitos respondeu em primeiro lugar à EDS-20. Assim, não parecem existir diferenças entre as formas de aplicação corroborando o que já havia sido avançado por alguns autores (e.g. Fox & Schwartz, 2002; Dodou & Winter, 2014). Contrariamente, Joinson (1999) e Richman et al. (1999) desenvolveram investigações nas quais constataram que o fornecimento de respostas socialmente desejáveis era inferior através dos questionários preenchidos por meio do computador comparativamente aos de “lápiz e papel”. A partir dos resultados alcançados, podemos inferir que o facto de responder *online* não é condição para controlar melhor a DS.

VI – Conclusões

Nas medidas de auto-relato, as pontuações obtidas na avaliação psicológica podem ser influenciadas pela DS. Esta suscetibilidade pode ser prejudicial para as conclusões que são formuladas no que concerne aos perfis dos sujeitos (Ellingson, Sackett, & Hough, 1999). Apesar de se ter vindo a verificar um aumento do consenso relativamente à existência de duas dimensões da DS, a sua interpretação tem vindo a variar ao longo do tempo (Paulhus, 2002).

O presente estudo procurou contribuir para a avaliação do constructo em causa, validando e comparando numa mesma amostra duas escalas portuguesas construídas para o efeito (EDS-20 e DESCAs). Ambos os instrumentos apresentaram boas qualidades psicométricas, ao nível da precisão (consistência interna), indicando a sua adequabilidade para a avaliação da DS. A EDS-20 revelou um modelo unifatorial como era expectável, já a DESCAs comparativamente ao seu estudo original, registou dois fatores: *busca de aprovação social* e *gestão da imagem social*. Obtiveram-se correlações baixas entre ambas as escalas o que significa que os instrumentos medem aspetos distintos do constructo geral. A EDS-20 apresentou uma correlação alta com a escala L do EPQ-R, relação que se justifica visto que a primeira foi construída a partir da segunda. Contrariamente a correlação entre a DESCAs e a escala L mostrou-se muito baixa. Verificou-se uma correlação moderada entre a escala N do EPQ-R e a DESCAs, indicador de que quanto maior a pontuação na escala de desejabilidade, maiores os resultados na escala de neuroticismo. Não se encontraram diferenças relativas ao modo de recolha dos dados (presencial ou online).

De um modo geral, comparativamente com os estudos originais, os resultados obtidos neste trabalho não mostraram grandes discrepâncias com o que havia sido encontrado anteriormente (com exceção da estrutura fatorial

da DESCA). Os dois instrumentos avaliam diferentes dimensões da DS, mas desde que cada um deles meça adequadamente as dimensões da DS que pretende medir, ou seja, tendo os seus resultados validade interpretativa no âmbito de um determinado modelo teórico, podem ser utilizados e, por isso são uma hipótese a ponderar para incluir em protocolos de avaliação em contextos clínicos ou de seleção/recrutamento.

Como limitações deste estudo, apontamos as características da amostra, nomeadamente em função do género e da idade. Existe uma clara discrepância entre o número de indivíduos do sexo feminino e masculino (numa proporção de cerca de 3 para 1), e entre os intervalos etários existindo mais sujeitos jovens (18-25 anos), não estando igualmente distribuídos pelas várias faixas etárias. Desta forma a amostra não é representativa e não permite retirar conclusões com segurança. Refere-se, ainda, o tipo de escala de resposta dos instrumentos (EDS-20: dicotómica; DESCA: *likert*), que pode influenciar a resposta dos sujeitos aos itens e posterior análise e interpretação dos resultados (por não ser igual para as duas escalas).

Em futuras investigações, propõe-se a realização de estudos com amostras mais representativas, com um maior número de participantes mas distribuídos de forma proporcional para que a análise possa ser realizada de forma mais fiel. Repensar o tipo de escala de resposta será também um ponto a considerar considerando os objetivos das escalas e as indicações da literatura.

Bibliografia

- Almiro, P.A. (2013). *Adaptação, validação e aferição do EPQ-R para a população portuguesa: Estudos em contextos clínico, forense e na comunidade*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Almiro, P.A., & Simões, M.R. (2014). Questionário de Personalidade de Eysenck – Forma Revista (EPQ-R). In L.S. Almeida, M.R. Simões, & M.M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica – Vol. II* (pp.211-229). Coimbra: Edições Almedina.
- Almiro, P.A., Almeida, D., Ferraz, M., Ferreira, R., Perdiz, C., Dias, I.S., Gonçalves, S., Sousa, L.B., & Simões, M.R. (2016, submetido). Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20). In M.R. Simões, L.S. Almeida, & M.M. Gonçalves (Eds.), *Avaliação Psicológica em contextos forenses: Instrumentos validados para Portugal*. Lisboa: Pactor.
- Backstrom, M., & Bjorklund, F. (2013). Social desirability in personality inventories: Symptoms, diagnosis and prescribed cure. *Scandinavian Journal of Psychology*, 54, 152-159. doi: 0.1111/sjop.12015
- Baumeister, R.F., Vohs, K.D., & Funder, D.C. (2007). Psychology as the science of self-reports and finger movements. *Perspectives on Psychological Science*, 2(4), 396-403. doi: 10.1111/j.1745-

6916.2007.00051.x

- Becker, T.E. (1998). Integrity in organizations: Beyond honesty and conscientiousness. *The Academy of Management Review*, 23(1), 154-161. doi: 10.2307/259104
- Beretvas, S. N., Meyers, J. L., & Lette, W. L. (2002). A reliability generalization study of the Marlowe- Crowne Social Desirability Scale. *Educational and Psychological Measurement*, 62, 570-589.
- Carrasco, C.A., Vigil-Colet, A., & Ferrando, P. J. (2013). Controlling social desirability may attenuate faking effects: A study with aggression measures. *Psicothema*, 25(2), 164-170. doi: 10.7334/psicothema2012.152
- Christiansen, N.D., Rozek, R.F., & Burns, G. (2010). Effects of social desirability scores on hiring judgments. *Journal of Personnel Psychology*, 9(1), 27-39. doi: 10.1027/1866-5888/a000003
- Comşa, M., & Postelnicu, C. (2013). Measuring social desirability effects on self-reported turnout using the item count technique. *International Journal of Public Opinion Research*, 25(2), 153-172. doi:10.1093/ijpor/eds019
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354. doi: 10.1037/h0047358
- Damásio, B.F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228.
- DeVellis, R.F. (1991). *Scale development: Theory and applications*. London: SAGE Publications.
- Dodou, D., & Winter, J.C.F. (2014). Social desirability is the same in offline, online, and paper surveys: A meta-analysis. *Computers in Human Behavior*, 36, 487-495. doi: 10.1016/j.chb.2014.04.005
- Edwards, A.L. (1957). *The social desirability variable in personality assessment and research*. Nova Iorque: Dryden Press.
- Edwards, A.L., & Walsh, J.A. (1963). The relationship between the intensity of the social desirability keying of a scale and the correlation of the scale with Edwards' SD scale and the first factor loading of the scale. *Journal of Clinical Psychology*, 19(2), 200-203.
- Ellingson, J.E., Sackett, P.R., & Hough, L.M. (1999). Social desirability corrections in personality measurement: Issues of applicant comparison and construct validity. *Journal of Applied Psychology*, 84(2), 155-166.
- Fox, S., & Schwartz, D. (2002). Social desirability and controllability in computerized and paper-and-pencil personality questionnaires. *Computers in Human Behavior*, 18, 389-410. doi: 10.1016/S0747-5632(01)00057-7
- Furnham, A. (1986). Response bias, social desirability and dissimulation. *Personality individual Differences*, 7(3), 385-400.
- Ganster, D.C., Hennessey, H.W., & Luthans, F. (1983). Social desirability response: Three alternative models. *Academy of Management*

- Journal*, 26(2), 321-331.
- Gordon, L. V. (1951). Validities of the forced-choice and questionnaires methods of personality measurement. *Journal of Applied Psychology*, 35, 407-412.
- Holden, R. R., & Passey, J. (2009). Social desirability. In M. R. Leary, & R. H. Hoyle. (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 441-454). New York; London: Guilford.
- Horney, K. (1942). *Self-analysis*. Nova Iorque: Norton & Company.
- Joinson, A.N. (1999). Social desirability, anonymity, and internet-based questionnaires. *Behavior Research Methods*, 31(3), 433-438. doi: 10.3758/BF03200723
- King, M.F., & Bruner, C.B. (2000). Social desirability bias: A neglected aspect of validity testing. *Psychology & Marketing*, 17(2), 79-103.
- Kirkpatrick, S., & Locke, E.A. (1991). Leadership: Do traits matter?. *Academy of Management Executive*, 5(2), 48-60. doi: 10.2307/4165007
- Kline, P. (1979). *Psychometrics and psychology*. London: Academic Press.
- Kline, P. (1986). *A handbook of test construction: Introduction to psychometric design*. London: Methuen & Co.
- Kline, P. (1998). *The new psychometrics: Science, psychology and measurement*. London: Routledge.
- Kline, P. (2000). *Handbook of Psychological Testing* (2^a ed.). Londres: Routledge.
- Krysan, M. (1998). Privacy and the expression of white racial attitudes: A comparison across three contexts. *Public Opinion Quarterly*, 62, 506-544.
- Kuncel, N.R., & Tellegen, A. (2009). A conceptual and empirical reexamination of the measurement of the social desirability of items: Implications for detecting desirable response style and scale development. *Personnel Psychology*, 62(2), 201-228.
- Leary, M.R., & Kowalski, R. M. (1990). Impression management: a literature review and two-component model. *Psychological Bulletin*, 107(1), 34-47.
- Lönnqvist, J., Paunonen, S., Tuulio-Henriksson, A., Lönnqvist, J., & Verkasalo, M. (2007). Substance and style in socially desirable responding. *Journal of Personality*, 75(2), 291-322. doi: 10.1111/j.1467-6494.2006.00440.x
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M.E., & Kiers, H.A.L. (2011). The hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46, 340-364.
- Maranhão, O.R. (1973). O MMPI e suas aplicações em criminologia. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, 68(2), 199-228.
- Maroco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics* (6^a ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral
Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

- Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1983). Social desirability scales: More substance than style. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51, 882-888.
- McGee Ng, S. A., Bagby, R. M., Goodwin, B. E., Burchett, D., Sellbom, M., Ayearst, L. E., Dhillon, S., Yiu, S., Ben-Porath, Y. S., & Baker, S. The effect of response bias on the personality inventory for DSM-5 (PID-5). *Journal of Personality Assessment*, 98(1), 51-61. doi: 10.1080/00223891.2015.1096791
- Merman, J.L., & Shultz, K.S. (1998). Individual differences in the ability to fake on personality measures. *Personality Individual Differences*, 24(2), 217-227.
- Mesquita, A.R.D. (2012). *Faking Good no MMPI-2: Um Estudo Exploratório da Relação entre Medidas Cognitivo-Comportamentais e Fisiológicas*. (Dissertação de Mestrado não editada, Mestrado Integrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Moshagen, M., Hilbig, B.E., Erdfelder, E., & Moritz, A. (2014). An experimental validation method for questioning techniques that assess sensitive issues. *Experimental Psychology*, 61 (1), 48-54. doi: 10.1027/1618-3169/a000226
- Nederhof, A. J. (1985). Methods of coping with social desirability bias: A review. *European Journal of Social Psychology*, 15, 263-280.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Nunnally, J.C., & Bernstein, I.H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Oliveira, J. (2013). *Estudos de validação da Escala de Desejabilidade Social – DESCA* (Tese de Mestrado em Psicologia Clínica, Subespecialização em Psicologia Forense). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Ones, D.S., Viswesvaran, C., & Reiss, A.D. (1996). Role of social desirability in personality testing for personnel selection: The red herring. *Journal of Applied Psychology*, 81(6), 660-679.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)* (2ª ed.). Australia: Allen & Unwin.
- Paulhus, D. L. (1986). Self-deception and impression management in tests responses. In A. Angleitner & J. S. Wiggins (Eds.), *Personality assessment via questionnaires* (pp. 144-165). Berlin: Springer-Verlag.
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitude* (pp. 17-59). San Diego: Academic Press.

- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: The evolution of a construct. In H. I. Braun, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49-69). Mahwah Nova Jérсия: Erlbaum.
- Paulhus, D. P., & John, O. P. (1998). Egoistic and moralistic biases in self-perception: The interplay of self-deceptive styles with basic traits and motives. *Journal of Personality*, 66(6), 1025-1060.
- Peebles, J., & Moore, R.J. (1998). Detecting socially desirable responding with the personality assessment inventory: The positive impression management scale and the defensiveness index. *Journal of Clinical Psychology*, 54(5), 621-628.
- Pestana M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Peterson, R.A., & Kerin, A. (1981). Quality of self-report data: review and synthesis. In B.M. Enis, & K.J. Roering (Eds.), *Review of Marketing 1981* (pp. 5-20). Decatur: Marketing Classics Press.
- Podsakoff, P.M., MacKenzie, S.B., Lee, J-Y., & Podsakoff, N.P. (2003). Common method biases in behavioral research: A critical review of the literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879-903. doi: 10.1037/0021-9010.88.5.879
- Richman, W.L., Weisband, S., Kiesler, S., & Drasgow, F. (1999). A meta-analytic study of social desirability distortion in computer-administered questionnaires, traditional questionnaires, and interviews. *Journal of Applied Psychology*, 84(5), 754-775.
- Rossiter, J.C. (2009). *A Comparison of Social Desirability Bias Among Four Widely Used Methods of Data Collection as Measured by the Impression Management Subscale of The Balance Inventory of Desirable Responding*. (Dissertação de Doutorado em “Evaluation and Measurement”). Kent State University College and Graduate School of Education, Health, and Human Services, Kent, Ohio.
- Scheier, M.F., Carver, C.S., & Bridges, M.W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem): A reevaluation of the life orientation test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1063-1078.
- Schlenker, B. R. (1980). *Impression management: The self-concept, social identity, and interpersonal relations*. Monterey, Califórnia: Brooks/Cole.
- Schmitt, M., & Steyer, R. (1993). A latent state-trait model (not only) for social desirability. *Personality and Individual Differences*, 14(4), 519-529. doi: 10.1016/0191-8869(93)90144-R
- Sherman, D.K., & Cohen, G.L. (2006). The psychology of self-defense: Self-affirmation theory. *Advances in experimental social psychology*, 38, 183-242. doi: 10.1016/S0065-2601(06)38004-5
- Vallereux, S.R. (2006). *The relationship between extraversion and*

- happiness: A day reconstruction study* (Honors Theses em Psicologia).Universidade de Oregon, Oregon.
- Vries, R.E., Zettler, I., & Hilbig, B.E. (2014). Rethinking trait conceptions of social desirability scales: Impression management as an expression of honest-humility. *Assessment*, 21(3), 286-299. DOI: 10.1177/1073191113504619
- Wiggins, J. S. (1964). Convergences among stylistic response measures from objective personality tests. *Educational and Psychological Measurement*, 24, 551-562.
- Wiggins, J. S. (1968). Personality structure. In P. R. Farnsworth (Ed.), *Annual Review of Psychology* (Vol. 19, pp.293-350). Palo Alto, Califórnia.: Annual Reviews.
- Zerbe, W.J., & Paulhus, D.L. (1987). Socially desirable responding in organizational behavior: A reconception. *Academy of Management Review*. 12(2), 250-264.

Anexos

Anexo A – Carta introdutória de informação aos participantes

INFORMAÇÃO AOS PARTICIPANTES



Nome da investigação: Validação de questionários sobre desejabilidade social numa amostra da população portuguesa

Esta investigação tem como **objetivo:** identificar a forma como as pessoas percebem as interações que estabelecem com os outros.

A colaboração de todos os participantes é **VOLUNTÁRIA**, e será absolutamente garantido o **ANONIMATO** e a **CONFIDENCIALIDADE** dos resultados. Para tal, os resultados serão inseridos em bases de dados através de um código, para tratamento estatístico dos dados globais.

O seu contributo é extremamente importante, uma vez que permitirá validar estes questionários, bem como obter um conhecimento mais objectivo da nossa realidade sobre as temáticas abordadas neste projecto.

Nos instrumentos a que vai responder **NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS**, mas apenas lhe é pedido que responda de acordo com o que considera que melhor corresponde à sua própria opinião. Por favor, leia com atenção e não deixe nenhum item por responder. É importante que o preenchimento destes questionários respeite a ordem por que são apresentados.

A equipa deste projeto está imensamente grata pela sua disponibilidade e colaboração.

Nome: Isabel Alberto (Prof. Auxiliar FPCE-UC)

E-mail: isamaria@fpce.uc.pt

Anexo B – Questionário Sociodemográfico

Código: _____

Questionário demográfico

1. Idade: _____

2. Género: Fem ____/Masc ____

3. Profissão: _____

4. Nível de escolaridade: _____

5. Estado civil:

Solteiro: _____

Casado: _____

Viúvo: _____

Divorciado: _____

Recasado: _____

6. Filhos: NÃO ____/SIM ____

7. Local de residência (indique apenas a terra/local):

8. Meio: rural: _____; Urbano: _____; Perímetro urbano: _____

Anexo C – Características psicométricas da EDS-20

Tabela 1. Consistência interna e estatísticas descritivas dos itens da EDS-20

Itens	M_a	σ_a^2	r_b	α_a	M	DP
1	8.91	15.183	.217	.785	.22	.418
2	8.46	14.622	.338	.778	.67	.472
3	8.76	14.538	.349	.778	.38	.485
4	8.69	14.598	.320	.780	.44	.498
5	8.40	14.279	.477	.770	.74	.442
6	8.80	14.374	.413	.773	.33	.470
7	8.80	14.425	.395	.774	.33	.472
8	8.51	14.594	.333	.779	.62	.485
9	8.60	14.426	.365	.776	.53	.501
10	8.74	14.359	.396	.774	.39	.489
11	9.02	15.294	.272	.782	.11	.316
12	9.01	15.093	.347	.779	.12	.322
13	8.96	15.136	.268	.782	.17	.377
14	8.66	14.411	.370	.776	.47	.500
15	8.71	14.588	.326	.779	.42	.495
16	8.47	14.466	.380	.775	.66	.475
17	8.34	14.401	.489	.770	.80	.405
18	8.25	15.109	.340	.779	.88	.322
19	8.77	15.072	.203	.787	.37	.483
20	8.64	14.281	.405	.774	.49	.501

Nota. M_a = Média da escala se item eliminado; σ_a^2 = variância da escala se item eliminado; r_b = correlação item-total da escala; α_a = alfa de Cronbach se item eliminado; M = média do item; DP = desvio-padrão do item

Tabela 2. Correlação EDS-20 Teste-Reteste

		EDS-20 Reteste
EDS-20	Coeficiente de Pearson	.760*
	Sig. (2-tailed)	.000
		N
		74

Nota.* $p < .001$

Tabela 3. Critério KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett

KMO	.762
Teste de Esfericidade de Bartlett (χ^2 (190)) Sig.	663.576** .000

Nota. ** $p < .001$

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral
Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

Tabela 4. Matriz de rotação dos 3 componentes

Itens	Componentes		
	1 (retido)	2 (rejeitado)	3 (rejeitado)
1	.426	-.133	.197
2	.306	.007	.512
3	.064	.648	.051
4	.463	.142	.058
5	.410	.303	.284
6	.598	.109	.111
7	.104	.663	.063
8	.478	.226	-.022
9	.260	.322	.229
10	.157	.585	.098
11	.357	.208	-.037
12	.563	.079	.027
13	-.188	.275	.641
14	.447	.221	.099
15	.344	-.143	.568
16	.193	.563	.082
17	.282	.462	.294
18	.221	.151	.439
19	-.250	.235	.659
20	.594	.156	.058
<i>Eigenvalue</i>	4.090	1.611	1.288
Variância explicada (%)	20.448	8.053	6.439

Anexo D – Características psicométricas da DESCA

Tabela 1. Consistência interna e estatísticas descritivas dos itens da DESCA

Itens	M_a	σ_a^2	r_b	α_a	M	DP
1	47,7415	36,497	,294	,767	2,9122	,78096
2	48,2976	36,563	,296	,767	2,3561	,76378
3	48,1024	35,034	,401	,760	2,5512	,86521
4	48,7756	36,224	,381	,761	1,8780	,69293
5	47,9854	35,681	,396	,760	2,6683	,76519
6	48,2341	35,219	,443	,757	2,4195	,77308
7	48,7073	35,483	,499	,754	1,9463	,66572
8	48,8634	36,628	,345	,764	1,7902	,67148
9	48,3659	34,890	,519	,752	2,2878	,72767
10	47,7902	37,461	,206	,773	2,8634	,74154
11	48,9512	37,537	,253	,769	1,7024	,62954
12	47,6195	36,972	,329	,765	3,0341	,62920
13	47,2098	38,588	,140	,775	3,4439	,56275
14	48,0341	35,317	,422	,758	2,6195	,78691
15	48,9317	36,525	,350	,763	1,7220	,68296
16	48,5171	37,555	,196	,774	2,1366	,74154
17	48,1512	36,884	,319	,765	2,5024	,66143
18	47,4146	40,362	-,111	,787	3,2390	,56572
19	48,4780	37,898	,196	,773	2,1756	,64807
20	48,5561	35,689	,443	,757	2,0976	,70031
21	48,3463	35,296	,482	,755	2,3073	,71277

Tabela 2 - Correlação DESCA Teste-Reteste

		DESCA Reteste
DESCA	Coefficiente de Pearson	.728*
	Sig. (2-tailed)	.000
	N	73

Nota. * $p < .001$

Tabela 3. Critério KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett

KMO	.744
Teste de Esfericidade de Bartlett (χ^2 (210)) Sig.	1186.633** .000

Nota. ** $p < .001$

Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social – DESCA, EDS-20 – numa amostra da população geral
Ana Patrícia Tavares Marques (e-mail: anamarques12@live.com.pt) 2016

Tabela 4. Matriz de rotação dos 3 componentes

Itens	Componentes		
	1 (Busca de Aprovação Social)	2 (Gestão da Imagem Social)	3 (foi rejeitado)
1	,551	-,040	,042
2	,151	,411	-,021
3	,728	-,041	-,026
4	,202	,465	,173
5	,617	,019	,139
6	,686	,086	-,211
7	,677	,095	,367
8	,433	,119	,582
9	,164	,753	,099
10	,120	,337	-,416
11	,397	-,001	,636
12	,208	,446	-,308
13	,229	,099	-,635
14	,100	,712	-,097
15	,360	,217	,526
16	-,113	,520	,161
17	-,015	,658	-,178
18	-,022	-,038	-,709
19	-,079	,534	,009
20	,544	,210	-,022
Eigenvalue	4.280	2.765	1.877
Variância explicada (%)	20.382	13.166	8.936

Anexo E – Características psicométricas dos fatores da DESCA

Tabela 1. Consistência interna e estatísticas descritivas do fator 1, *Busca de Aprovação Social*, da DESCA

Itens	M_a	$\bar{\sigma}_a^2$	r_b	α_a	M	DP
1	13,97	9,120	,386	,756	2,91	,780
3	14,33	7,979	,574	,715	2,55	,868
5	14,22	8,763	,479	,737	2,66	,772
6	14,46	8,512	,543	,723	2,42	,770
7	14,93	8,961	,541	,726	1,95	,663
20	14,78	9,125	,460	,741	2,10	,697
21	14,57	9,256	,414	,749	2,30	,710

Nota. M_a = Média da escala se item eliminado; $\bar{\sigma}_a^2$ = variância da escala se item eliminado; r_b = correlação item-total da escala; α_a = alfa de Cronbach se item eliminado; M = média do item; DP = desvio-padrão do item

Tabela 2. Consistência interna e estatísticas descritivas do fator 2, *Gestão da Imagem Social*, da DESCA

Itens	M_a	$\bar{\sigma}_a^2$	r_b	α_a	M	DP
2	16,6394	8,927	,258	,715	2,3510	,76575
4	17,1106	8,862	,332	,697	1,8798	,68805
9	16,6971	7,661	,624	,631	2,2933	,72602
12	15,9712	8,994	,333	,696	3,0192	,64427
14	16,3702	7,674	,555	,645	2,6202	,78326
16	16,8365	8,756	,309	,703	2,1538	,75206
17	16,4952	8,386	,483	,666	2,4952	,66665
19	16,8125	8,955	,342	,694	2,1779	,64613

Nota. M_a = Média da escala se item eliminado; $\bar{\sigma}_a^2$ = variância da escala se item eliminado; r_b = correlação item-total da escala; α_a = alfa de Cronbach se item eliminado; M = média do item; DP = desvio-padrão do item

Anexo F – Análise dos Resultados das Correlações (r de Pearson) para a Validade Convergente e Divergente

Tabela 1. Resultados das Correlações de Pearson - validade convergente

		EDS-20	DESCA	Escala L (EPQ-R)
EDS-20	Coeficiente Pearson	1	.172	.882
	Sig. (2-tailed)		.014*	.000**
	N	205	202	204
DESCA	Coeficiente Pearson	.172	1	
	Sig. (2-tailed)	.014*		
	N	202		
Escala L (EPQ-R)	Coeficiente Pearson	.882	.183	1
	Sig. (2-tailed)	.000**	.009*	
	N	204	203	206

Nota. *significativo para $p < .05$; ** significativo para $p < .001$

Tabela 2. Resultados das Correlações de Pearson entre a EDS-20, a DESCA e escalas N, E e P do EPQ-R (validade divergente)

		N	E	P
EDS-20	Coeficiente Pearson	-.067	-.185	-.155
	Sig. (2-tailed)	.340	.008*	.027*
DESCA	Coeficiente Pearson	.323	-.182	.080
	Sig. (2-tailed)	.000**	.009*	.256
Escala L (EPQ-R)	Coeficiente Pearson	-.061	-.180	-.188
	Sig. (2-tailed)	.383	.010*	.007*

Nota. *significativo para $p < .05$; ** significativo para $p < .001$

Tabela 3. Coeficiente de correlação de Pearson entre fatores e totais da EDS-20, DESCA e EPQ-R (N=205)

	DESCA BAS	DESCA GIS
DESCA BAS		
DESCA GIS	,226**	
DESCA	,854**	,619**
EDS-20	-,041	,257**
Neuroticismo	,304**	,072
Extroversão	-,117	-,036
Mentira	-,061	,311**

* $p < .05$; ** $p < .001$

Anexo G - Análise Exploratória da ordem de administração das escalas e do método de administração

Tabela 1. Estatísticas descritivas para a variável DESCA

Ordem administração	Online vs papel	M	DP	N
EDS-20_1º	Online	52,17	5,108	117
	Papel	51,21	5,019	48
	Total	51,89	5,086	165
DESCA_1º	Online	58,63	10,070	8
	Papel	51,09	7,222	32
	Total	52,60	8,304	40
Total	Online	52,58	5,714	125
	Papel	51,16	5,954	80
	Total	52,03	5,836	205

Tabela 2. Resultados da ANOVA para a variável DESCA

	df	F	Sig.	η_p^2
Ordem grupo	1	6.657	.011*	.032
Online vs. papel	1	11.950	.001*	.056
Ordem grupo*online vs papel	1	7.147	.008*	.034
Error	201			

Nota. *significativo para $p < .05$

Tabela 3. Médias Estimadas Marginais para a variável DESCA

		M	
Ordem administração	EDS-20 1º	51.690	
	DESCA 1º	54.859	
Online vs. papel	Online	55.398	
	Presencial	51.151	
Ordem administração*online vs. Papel	EDS 1º	online	52.171
		presencial	51.208
	DESCA1º	online	58.625
		presencial	51.094

Tabela 4. Estatísticas descritivas para a variável EDS-20

Ordem administração	Online vs papel	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>N</i>
EDS-20_1º	Online	8,50	3,791	117
	Papel	9,60	4,200	47
	Total	8,81	3,931	164
DESCA_1º	Online	11,00	2,928	8
	Papel	10,27	4,368	33
	Total	10,41	4,105	41
Total	Online	8,66	3,783	125
	Papel	9,87	4,256	80
	Total	9,13	4,008	205

Tabela 5. Resultados da ANOVA para a variável EDS-20

	df	F	Sig.	η_p^2
Ordem grupo	1	3.489	.063	.017
Online vs. papel	1	.048	.827	.000
Ordem grupo*online vs papel	1	1.151	.285	.006
Error	201			

Nota. p<.05

Tabela 6. Médias Marginais Estimadas para a variável EDS-20

		<i>M</i>	
Ordem administração	EDS-20 1º	9.046	
	DESCA 1º	10.636	
Online vs. papel	Online	9.748	
	Presencial	9.934	
Ordem administração*online vs. papel	EDS 1º	online	8.496
		presencial	9.596
	DESCA1º	online	11.000
		presencial	10.273

Tabela 7. Estatísticas descritivas para a variável Escala L (EPQ-R)

Ordem administração	Online vs papel	M	DP	N
EDS-20_1º	Online	8,60	3,506	117
	Papel	9,65	3,845	48
	Total	8,90	3,628	165
DESCA_1º	Online	10,63	2,504	8
	Papel	9,94	4,507	33
	Total	10,07	4,174	41
Total	Online	8,73	3,479	125
	Papel	9,77	4,103	81
	Total	9,14	3,761	206

Tabela 8. Resultados da ANOVA para a variável Escala L (EPQ-R)

	df	F	Sig.	η_p^2
Ordem grupo	1	2.092	.150	.010
Online vs. papel	1	.051	.822	.000
Ordem grupo*online vs papel	1	1.167	.281	.006
Error	202			

Nota. $p < .05$

Tabela 9. Médias Marginais Estimadas para a variável Escala L (EPQ-R)

		M	
Ordem administração	EDS-20 1º	9.122	
	DESCA 1º	10.282	
Online vs. papel	Online	9.612	
	Presencial	9.793	
Ordem administração*online vs. Papel	EDS 1º	online	8.598
		presencial	9.646
	DESCA1º	online	10.625
		presencial	9.939